

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro



Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online

Doutorado
PPgEnfBio

PPCENF

ISSN 2175-5361
DOI: 10.9789/2175-5361

PESQUISA

Adesão de adolescentes à camisinha masculina

Use of male condom in adolescents

Uso del preservativo masculino en adolescentes

Lúcia de Fátima Rodrigues de Oliveira ¹, Ellany Gurgel Cosme do Nascimento ², João Mário Pessoa Júnior ³, Marília Abrantes Fernandes Cavalcanti ⁴, Francisco Arnaldo Nunes de Miranda ⁵, João Carlos Alchieri ⁶

ABSTRACT

Objective: This study aimed to know the sexual behavior of adolescents of high school about the use of male condoms in the city of Pau do Ferros-RN. **Method:** this is a quantitative approach, descriptive and exploratory type. **Results:** it was found that adolescents start sexual activity increasingly earlier with a significant difference in the type of partner about gender, using condom is still lower than expected, moreover, it draws attention the reasons that lead or not to use a condom. **Conclusion:** studies on healthy sexual behavior among adolescents, with an emphasis on protection against STDs, considering gender differences are still needed. **Descriptors:** Adolescent, Sexual behavior, Sexually transmitted diseases.

RESUMO

Objetivo: Conhecer o comportamento sexual dos adolescentes do Ensino Médio quanto ao uso do preservativo masculino no município de Pau dos Ferros-RN. **Método:** estudo do tipo descritivo-exploratório de abordagem quantitativa. **Resultados:** os adolescentes iniciam sua atividade sexual cada vez mais cedo com uma diferença expressiva quanto ao tipo de parceiro em razão de sexo, e a adesão ao preservativo ainda é inferior ao esperado, além disso, chama atenção os motivos que os levam a usar ou não o preservativo. **Conclusão:** estudos sobre comportamentos sexuais saudáveis entre os adolescentes, com ênfase na proteção contra DSTs, considerando as diferenças de gênero, são ainda necessários. **Descritores:** Adolescente, Comportamento sexual, Doenças sexualmente transmissíveis.

RESUMEN

Objetivo: Este estudio tuvo como objetivo evaluar el comportamiento sexual de los adolescentes de la educación secundaria sobre el uso de preservativos en la ciudad de Pau dos Ferros-RN. **Método:** Estudio de enfoque cuantitativo del tipo descriptivo y exploratorio. **Resultados:** Se encontró que los adolescentes inician la actividad sexual cada vez más temprana, con una diferencia significativa en el tipo de pareja sexual, el uso del preservativo sigue siendo inferior a lo previsto, por otra parte, llama la atención sobre las razones que llevan o no a usar un preservativo. **Conclusión:** aún se necesitan estudios sobre el comportamiento sexual saludable entre los adolescentes, con énfasis en la protección contra enfermedades de transmisión sexual, teniendo en cuenta las diferencias de género. **Descriptor:** Adolescentes, Comportamiento sexual, Enfermedad y transmisión sexual.

¹Enfermeira graduada pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Pau dos E-mail: lucinhafr2008@hotmail.com. ² Enfermeira. Doutoranda em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, CAMEAM/UERN. E-mail: ellanygurgel@hotmail.com. ³Enfermeiro. Doutor em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: jottajunyor@hotmail.com. ⁴ Discente do curso de graduação em enfermagem CAMEAM/UERN. ⁵ Enfermeiro. Doutor em Enfermagem. Docente Associado II do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista Produtividade CNPQ. E-mail: farnoldo@gmail.com. ⁶Psicólogo. Doutor em Psicologia. Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: jcalchieri@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Os adolescentes representam um grupo vulnerável ao risco de infecção de HIV e outras DSTs. De um lado, iniciam a vida sexual cada vez mais cedo, ávidos por novas experiências e aventuras; do outro, em pleno século XXI, tem-se ainda resistência da sociedade à implementação de projetos e programas voltados para as questões da sexualidade e reprodução nessa fase.¹⁻² Supri-los de conhecimento e acima de tudo fazer com que adotem em suas relações sexuais comportamentos seguros tem se mostrado um desafio para a educação e saúde.

Estudos confirmam o aumento do número de pessoas com AIDS entre os adolescentes nos últimos anos, corroborando assim a necessidade de conhecer o comportamento desse grupo para que se possa planejar ações integradas entre saúde e educação visando intervir nessa realidade.³

O conceito de adolescência, mais amplamente difundido, caracteriza-se como a transição entre a fase infantil e a fase adulta. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS) e também adotada no Brasil pelo Ministério da Saúde, a adolescência circunscreve ao período da vida de cada ser humano que abrange a faixa etária dos 10 aos 19 anos, tendo como característica fundamental as transformações no plano biológico, psicológico e social.⁴

Não se pode deixar de mencionar a constância em limitar a definição de adolescência às transformações no plano biológico, denominada puberdade. Vale salientar que adolescência e puberdade não podem ser entendidas como sinônimos, a puberdade é apenas um dos aspectos dessa fase e refere-se ao processo de desenvolvimento orgânico e corporal, caracterizado principalmente pelas mudanças hormonais que aceleram o crescimento físico, além do desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários masculinos e femininos.^{2,5}

Os adolescentes se veem diante de um enorme leque de possibilidades e opções, além da curiosidade em explorar e experimentar tudo a sua volta, ampliando seu universo de relações para além da família, aproximando-se principalmente de grupos com os quais se identifica.⁶ O envolvimento grupal adquire uma importância transcendental, grande parte da dependência que antes mantinha com a família, sobretudo com as figuras parentais, transferindo-a para esse novo grupo, constituindo assim a transição necessária no mundo externo para alcançar a individualização adulta.⁷

Portanto, infere-se que é com os participantes desse novo grupo que o adolescente vai realizar novas descobertas e construir novas experiências, compartilhando e experienciando suas dúvidas e anseios, inclusive sobre a sexualidade. É importante destacar que a sexualidade como uma atividade inerente ao ser humano é construída a partir de suas vivências, da interação com o meio e pela cultura, sendo, portanto, um fenômeno sociocultural. Deste modo, a maneira como se vivencia hoje reflete as mudanças dos padrões comportamentais ao longo dos anos.⁷⁻⁸

Soma-se, ainda, a influência da mídia nesse assunto, em especial a televisão, a forma como aborda a temática frequentemente destoada da realidade, sempre cheia de encantos, em que praticamente inexistem retratações das consequências do sexo desprotegido, sempre associando sexo apenas ao prazer, mesmo quando ocorre de forma insensata, ou seja, as informações veiculadas pela TV são comumente enganadoras, fazendo tudo parecer simples e natural.³⁻⁴

Os adolescentes recebem informações sobre sexo de muitas fontes, na maioria das vezes de maneira incompleta, o que torna suas manifestações sexuais uma condição de risco e vulnerabilidade. Por sua gravidade, logo se presume que o distanciamento da família, a influência da mídia e a absorção de informações errôneas podem interferir negativamente no desenvolvimento saudável da sexualidade. Infere-se que está associada ao início cada vez mais precoce da atividade sexual entre os adolescentes devido a sua condição de imaturidade para discernir sobre algumas escolhas nessa fase que podem assumir caráter definitivo.⁹

Associa-se geralmente a adolescência à fase do namoro, que a seu turno recebe a influência das transformações da sociedade contemporânea, entendido como um relacionamento social, afetivo, constante e duradouro. Em uma perspectiva ritualista, anteriormente, iniciava-se com uma série de passos e representava a possibilidade de uma aproximação mais íntima entre o casal, atualmente não incomum a opção por outro tipo de relacionamento, popularmente conhecido como o ficar. Este novo rearranjo na adolescência encerra um relacionamento marcado pela ausência de compromisso, caracterizado por uma atração ou interesse que resulta em contato físico, podendo se restringir a um encontro, dias ou se tornar contínuo e repetitivo, culminando em um namoro.^{2,4}

Nesse contexto da novidade, curiosidade e experimentação da vida, em que os adolescentes estão inseridos, o HIV emerge como uma ameaça real, não apenas para os jovens, que têm ganhado destaque devido à crescente onda de juvenildade na pandemia da AIDS que vem ocorrendo, possivelmente, pelo sentimento de onipotência característico da adolescência, traduzido pela sensação de imunidade, fazendo-o desafiar as regras, apresentando comportamentos de experimentação arriscada, desconsiderando assim os perigos aos quais se expõe.⁷

Dito de outra forma, a adesão às informações sobre as infecções sexualmente transmissíveis e às medidas de proteção possibilita aos adolescentes o vivenciar e o experienciar o sexo de maneira saudável, garantindo-lhe a prevenção das DSTs/Aids e de uma gravidez indesejada. Não menos importante, considera-se como fundamental o conhecimento sobre os métodos contraceptivos, em especial o preservativo, único método que oferece dupla proteção, paradoxalmente, o estar ciente e deter informações não é garantia de pô-las em prática.¹⁰

Em um contexto marcado pelas redes sociais e a comunicação em massa, urge o estabelecimento de estratégias midiáticas capazes de estimular mudanças no comportamento dos adolescentes apropriando-se do conhecimento que detêm. Destarte, são imprescindíveis práticas educativas que visem à orientação e à reflexão sobre sua sexualidade, dando-lhes condições e respaldo para que os mesmos tornem-se sujeitos ativos de sua vida sexual e reprodutiva, adotando uma postura de prevenção e promoção em

saúde, uma vez que questões relacionadas à sexualidade criam situações de forte impacto social.⁵⁻⁸ Mediante este contexto, questiona-se: Qual o comportamento de adolescentes acerca do uso do preservativo masculino? Assim, objetiva-se: conhecer o comportamento sexual dos adolescentes do Ensino Médio quanto ao uso do preservativo masculino.

MÉTODO

Estudo quantitativo do tipo descritivo-exploratório, realizado no município de Pau dos Ferros/RN - Brasil, que conta com uma população de 28.197 habitantes e uma área de aproximadamente 260 km². O município de Pau dos Ferros se destaca por ser um dos maiores polos econômicos e educacionais do interior potiguar, desenvolvendo atividades principalmente no comércio e sendo sede de três instituições de ensino superior, como também da 15ª Diretoria Regional de Educação e Cultura (DIREC), responsável por 20 municípios, fatos que ajudam a justificar o grande fluxo de pessoas diariamente vindas de municípios do oeste potiguar e de outros municípios dos estados do Ceará e da Paraíba.

A seleção da amostra foi aleatória, a participação voluntária e os adolescentes com idade entre 15 e 18 anos autorizados pelos pais devido à vulnerabilidade do grupo. Definiu-se como critérios de inclusão: ter entre 15 e 19 anos de idade e autorizados oficialmente pelos pais; estar regularmente matriculado na escola; cursar e frequentar uma das séries do ensino médio regular; residir no município de Pau dos Ferros. Assim, a proposta de pesquisa envolveu quatro escolas, duas privadas e duas estaduais.

A coleta dos dados foi efetuada por meio de um questionário com perguntas sobre a adesão dos adolescentes ao preservativo masculino, os quais foram tabulados utilizando o programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 20.0, apresentados e discutidos em gráficos e tabelas através de estatística simples em termos percentuais. O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado no dia 04 de maio de 2012, com a CAAE Nº 0145.0.248.000-11, pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os questionários foram preenchidos por 379 alunos, o que representou um percentual de 27% do total de alunos matriculados no Ensino Médio das escolas do município de Pau dos Ferros, no ano de 2012. Quanto ao sexo dos participantes, sobressaiu o sexo feminino com 54%, com idade média de 16,47, com intervalo de confiança de 16,34-16,60; 50,4% dos participantes da pesquisa afirmaram início da vida sexual. Ao se considerar a idade de início da vida sexual, obteve-se uma média de 14,7 anos, ademais essa iniciação sexual se deu para a maioria dos participantes com namorado (47,6%), acompanhado de amigo (36,1%) e com recém-conhecido (5,2%). Se comparado por razão de sexo à iniciação sexual para o

sexo feminino, ocorre frequentemente com o namorado, enquanto que para o sexo masculino a iniciação acontece na maioria das vezes com amigas. Observa-se que no grupo estudado o sexo feminino não elencou a categoria de recém-conhecido ao contrário do sexo masculino (Tabela 1).

Tabela 1 - Tipo de relacionamento com o primeiro parceiro sexual dos adolescentes estudantes do Ensino Médio do município de Pau dos Ferros- RN, por sexo do aluno.

Iniciação Sexual	Feminino	Masculino
Amigo(a)	15,2%	50,9%
Namorado(a)	70,9%	31,3
Esposo(a)/Companheiro(a)	3,8%	-
Recém-conhecido(a)	-	8,9%
Noivo(a)	2,5%	0,0
Outro	7,6%	8,0%

Quanto ao conhecimento sobre métodos para evitar DSTs, na primeira relação sexual, os resultados evidenciaram que 92,1% afirmaram positivamente, enquanto que na última relação sexual quase a totalidade dos participantes afirmou conhecer esta informação com 99,5%.

Em relação ao uso da camisinha na primeira relação sexual, 65,4% autodeclararam o seu uso, 33,4% responderam que não e 1,2% afirmam não lembrar. Observa-se que o uso é mais consistente no sexo feminino com 72,2% das entrevistadas. Os valores do uso da camisinha na última relação sexual assemelham-se ao da primeira relação, sendo que há um aumento discreto quanto ao uso, passando para 68,1% dos entrevistados.

Comparando o uso da camisinha na primeira e na última relação sexual, observou-se que dos 65,4% dos adolescentes que afirmaram fazer uso da camisinha na primeira relação sexual, 22,2% não usaram na última relação e 77,8% usaram na primeira e na última relação sexual. Já os 33,4% que não usaram na primeira 48,4% usaram na última relação, enquanto que 50% não usaram nos dois momentos, os demais alegam não lembrar. Assim, quando questionados sobre os motivos do sexo desprotegido pelo uso da camisinha, afirmaram que não esperavam ter relação sexual. Fato este comum no sexo masculino quando se referem à primeira relação (Tabela 2).

Tabela 2- Motivos autorreferidos por adolescentes estudantes do Ensino Médio do Município de Pau dos Ferros- RN não usarem preservativo masculino na última relação sexual, por sexo do aluno.

Motivos autorreferidos pelos Adolescentes	Primeira Relação Sexual		Última Relação Sexual	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Não esperava ter relação sexual	13,9%	25,9%	13,9%	11,6%
Não gosta de usar	5,1%	3,6%	3,8%	6,3%
Conhecia bem o(a) parceiro(a)	5,1%	8,0%	6,3%	1,8%
Não pensei sobre isso	-	-	1,3%	1,8%
Só tem um parceiro(a)	-	-	10,1%	1,8%
Outros motivos	0%	9,0%	3,8%	1,8%
Não se aplica	73,4%	61,6%	60,8%	75,0%

Dentre os motivos apresentados pelos adolescentes quanto ao uso da camisinha na primeira relação, tem-se que 48,4% fizeram uso para evitar a gravidez e 22,2% para evitar DSTs, seguido por um percentual não muito significativo não manter relação sexual sem camisinha, não conhecer o parceiro e outros motivos. No que se refere à última relação, observa-se que 45,3% usaram para evitar gravidez e 27,6% para evitar DSTs.

Com relação ao uso da camisinha para evitar gravidez, na primeira e última relação sexual, observa-se que apenas 20,1% continuaram a fazer uso pelo mesmo motivo. Entre aqueles que a usaram para evitar DSTs, na primeira e última relação sexual, 50% mantiveram o mesmo comportamento. Dos 22,2% que usaram camisinha na primeira relação sexual, porém não usaram na última relação sexual, alegaram como motivo principal a imprevisibilidade do momento, motivo também alegado por aqueles 50 % que não usaram camisinha na primeira e última relação.

Ao comparar o uso ou não da camisinha, na primeira e última relação sexual, percebe-se que 50% dos que não usaram na primeira mudaram de ideia e fizeram uso na última relação sexual. De acordo com a pesquisa, a frequência de uso da camisinha apresentou-se da seguinte forma: 56% sempre usam, 28,8% às vezes, 14,1% nunca e 1,0% não se aplica. Quando questionados se mantêm relação sexual independente de namoro, 29,3% responderam que não, no entanto esse percentual se confrontado por sexo, constata-se uma disparidade, 53,2% feminino, enquanto que apenas 12,5% do sexo masculino afirma que não mantém relação sexual independente de uma relação de namoro. No tocante ao número de parceiros sexuais nos últimos seis meses, a média foi de 1,83.

A iniciação sexual é um evento que ocorre frequentemente na adolescência e em idade cada vez mais precoce. Os dados mostram que no grupo estudado aqueles que iniciaram vida sexual são maioria, apresentando uma idade média de início de 14,7. Resultado similar em pesquisas realizadas no Brasil apontam que a idade média de iniciação sexual dos brasileiros está em torno dos 15 anos de idade, sendo 14,7 para o sexo masculino e 15,3 para o feminino.⁸⁻⁹

Os seres humanos se inserem em um sistema cultural dado previamente, assim o sujeito, sendo um ser histórico-cultural constituído por inter-relações sociais, passa a exercer papéis sociais e instituições humanas cristalizadas através de regras que inicialmente são hábitos adquiridos.¹¹ Pode-se verificar essa característica do ser humano nitidamente na escolha do parceiro na primeira relação sexual, apesar de haver uma mudança de valores normativos, por anos perpetuados em nossa sociedade, as assimetrias entre homens e mulheres ainda persistem, deste modo as mulheres continuam escolhendo como seu primeiro parceiro aquele com quem possui um envolvimento afetivo; ao contrário dos homens, em que a primeira relação acontece principalmente com parceiras eventuais, como “ficantes”.^{2,9,11}

No presente estudo, os achados foram semelhantes, o tipo de parceira escolhida para a primeira relação, sendo majoritariamente casual para os homens, 50,9% iniciaram sua vida sexual com amigas e 8,9% com recém-conhecida, enquanto, para o sexo feminino, a preferência foi por um parceiro estável, 70,9% tiveram sua primeira relação com namorado.

Em relação ao conhecimento sobre métodos para evitar DST/Aids, tanto na primeira quanto na última relação sexual, tem-se um resultado positivo, uma vez que 92,1%

declararam ter conhecimento na primeira experiência sexual e 99,5% na última. Assim, esperava-se que dotado de conhecimentos o uso de métodos para evitar DST/Aids fosse algo consistente em todas as relações sexuais, porém ter o conhecimento não significa necessariamente comportamento sexual seguro.⁷

Sendo o preservativo o método mais eficaz para diminuir o risco de transmissão/contracção de DST/AIDS, acreditava-se que munidos de conhecimento, o uso do preservativo, no caso o masculino, por ser de mais fácil acesso, seja prática frequente durante as relações sexuais dos participantes. Contudo, o resultado deste trabalho apresenta uma analogia com outras pesquisas^{2,7,12}, havendo uma contradição entre o conhecer e o praticar. Constatou-se, então, que apenas 65,4% dos entrevistados usaram o preservativo masculino na primeira relação sexual. Dentre os motivos citados pelos entrevistados de ambos os sexos para não usar o preservativo na primeira relação sexual, destaca-se a imprevisibilidade do momento, sendo mais evidente no sexo masculino (25,9%), legitimando a afirmação que a primeira relação sexual dos adolescentes do sexo masculino se dá de forma casual. Para eles, ter a primeira relação sexual é ação indispensável para comprovar sua masculinidade diante da sociedade, não havendo necessariamente um planejamento.

Se comparado com a última relação, o não uso também se deve à falta de planejamento da situação, sendo que o percentual para o sexo feminino não se alterou (13,9%), enquanto que no sexo masculino há um declínio para 11,6% dos que autodeclararam não esperar ter relação sexual, e o motivo não gostar de usar passou de 3,6% para 6,3%. Ademais, os adolescentes também alegam como motivo para não usar o preservativo o fato de estarem em uma situação monogâmica, ou seja, ter só um parceiro, embora em percentual menor.¹³

É essencial destacar o grande número de adolescentes que autodeclararam o não uso do preservativo diante dos programas governamentais, como a distribuição gratuita de preservativos masculinos. Todavia, constata-se que a estratégia não garante que os adolescentes tenham acesso fácil, pois o acesso ao preservativo no serviço de saúde significa assumir para sociedade a sua condição de sujeito sexualmente ativo, atitude culturalmente indesejada, particularmente para o sexo feminino.³ Outro motivo que se destaca é não usar preservativo por conhecer o parceiro, atitude de extrema vulnerabilidade.

Em relação àqueles que fizeram uso do preservativo nas relações sexuais, esperava-se que o seu uso fosse primariamente para evitar DSTs, uma vez que os adolescentes de hoje cresceram no advento da Aids, entretanto o seu uso está relacionado à prevenção de uma gravidez, tanto na primeira quanto na última relação sexual, resultado similar a outros estudos realizados no país.¹¹⁻¹⁴

Com relação às atitudes positivas no que diz respeito à prática de sexo seguro, aponta-se que o uso do preservativo na iniciação sexual aumenta a probabilidade de uso na última relação. Neste sentido, os jovens que usam preservativo na iniciação tendem a manter esta prática nas relações subsequentes, enfatizando, portanto, a importância de uma orientação contínua e precoce para o estímulo ao uso do preservativo.¹⁻⁵

Concorda-se que as questões que envolvem a sexualidade na adolescência são expressivamente marcadas pelas relações de gênero, visto que há um comportamento diferenciado. O uso do preservativo está alicerçado em uma série de fatores, apontando para a necessidade de problematizar e esclarecer questões que beneficiam a reflexão e a ressignificação das informações, sobretudo das atitudes dos adolescentes no que diz respeito à prática de sexo seguro.

CONCLUSÃO

Constatou-se que os participantes deste estudo autodeclararam iniciação sexual em idade similar à média nacional observada em outros estudos e que há uma enorme diferença no tipo de parceira em relação ao sexo. De um lado, as mulheres tendem a iniciar sua vida sexual com companheiro com quem mantêm um relacionamento afetivo, na maioria das vezes namorado; do outro, os homens têm sua primeira relação sexual principalmente com parceiras eventuais, o que sugere um caráter não programado da mesma, contribuindo para que nem sempre tomem medidas de prevenção para evitar DST/AIDS e gravidez.

Os adolescentes afirmam conhecer os meios de manter uma relação sexual segura, todavia tal conhecimento não os tem colocado em um grupo menos vulnerável a contrair uma DST; inversamente, seu comportamento os coloca em situação de extrema vulnerabilidade diante dos comportamentos sexuais de risco, particularmente para o sexo masculino que associa o seu uso a uma gravidez do que a uma DST.

Os resultados comprovam a necessidade de trabalho conjunto entre saúde e educação que privilegie o protagonismo juvenil visando à mudança de atitudes a fim de alcançar comportamentos sexuais saudáveis. Deve-se considerar as diferenças de gênero, tão presentes nos discursos, em futuras campanhas educativas na prevenção de DSTs/AIDS. Destarte, reconhece-se a necessidade de novos estudos no campo da adolescência e o uso do preservativo masculino.

REFERÊNCIAS

1. Alves CA, Brandão ER. Vulnerabilidade no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: intersecção de políticas públicas e atenção à saúde. *Ciêns Saúde Coletiva*. 2009;14(2): 661-670.
2. Tronco CB; Dell'aglio DD. Caracterização do comportamento sexual de adolescentes: iniciação sexual e gênero. *Rev Interinst Psicol [periódico na Internet]*. 2012; [citado 2014 jan 08] 5(2): Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v5n2/v5n2a06.pdf>.

3. Macedo SRH, Miranda FAN, Pessoa Júnior JM, Nóbrega VKM. Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais. *Rev Bras Enferm.* 2013;66(1):103-9.
4. Ferreira THS, Farias MA, Silveiras EFM. Adolescência através dos Séculos. *Psicol: Teoria e Pesquisa.* 2010; 26(2):227-234.
5. Nogueira JA, Almeida SA. Diversidade sexual no contexto escolar: percepção e atitudes dos educadores. *Cienc Cuid Saude.* 2011;10(3):459-466.
6. Reato LFN, Silva LN, Ranña FF. In: Manual de Atenção à Saúde do Adolescente. Prefeitura da Cidade de São Paulo, Secretaria Municipal da Saúde - CODEPPS. São Paulo: SMS; 2006.
7. Brêtas JRS. Vulnerabilidade e adolescência. *Rev Soc Bras Enferm Ped [periódico na Internet].* 2010; [citado 2014 jan 08];10(2):89-96. Disponível em: http://www.sobep.org.br/revista/images/stories/pdfrevista/vol10n2/v.10_n.2art5.refl-vulnerabilidade-e-adolescencia.pdf.
8. Costa LHR, Coelho ECA. Enfermagem e sexualidade: revisão integrativa de artigos publicados na Revista Latino-Americana de Enfermagem e na Revista Brasileira de Enfermagem. *Rev Latino-Am Enfermagem [periódico na Internet].* 2011 [citado 2014 jan 08];19(3):[10 telas]. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n3/pt_24.pdf
9. Brasil. Ministério da Saúde. Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher - PNDS 2006: dimensões do processo reprodutivo e da saúde da criança/ Ministério da Saúde, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. Brasília; 2009.
10. Connell R. Masculinidade corporativa e o contexto global: um estudo de caso de dinâmica conservadora de gênero. *Cadernos Pagu [periódico na Internet].* 2013 [citado 2014 jan 08];(40):323-344. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n40/10.pdf>
11. Ferreira AGN, Silva KL, Sousa PRM, Gubert FA, Vieira NFC, Pinheiro PNC. Cultura masculina e religiosidade na prevenção das DST/HIV/ AIDS em adolescentes. *Reme - Rev Min Enferm.* 2012;16(4): 572-578.
12. Martins CBG, Ferreira LO, Santos PRM, Sobrinho MWL, Weiss MCV, Souza SPS. Oficina sobre sexualidade na adolescência: uma experiência da equipe saúde da família com adolescentes do ensino médio. *Reme - Rev Min Enferm.* 2011;15(4): 573-578.
13. Muroya RL, Auad D, Brêtas JRS. Representações de gênero nas relações estudante de enfermagem e cliente: contribuições ao processo de ensino-aprendizagem. *Rev Bras. Enferm.* 2011; 64(1): 114-22.
14. Chiavegatto Filho AD, Laurenti R. O sexo masculino vulnerável: razão de masculinidade entre os óbitos fetais brasileiros. *Cad Saúde Pública.* 2012;28(4):720-728.

Recebido em: 13/01/2014
Revisões requeridas: Não
Aprovado em: 03/09/2014
Publicado em: 01/01/2015

Endereço de contato dos autores:
Ellany Gurgel Cosme do Nascimento
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, CAMEAM/UERN,
Curso de Enfermagem,
BR 405, KM 3, Arizona, Pau dos Ferros (RN), 59900-000.